

**Ricardo Mendes**  
**Cartas Flusserianas: diagnóstico sobre correspondência com**  
**Sérgio Paulo Rouanet**

## **Apresentação**

O objetivo desse ensaio é estabelecer uma primeira leitura crítica do conjunto remanescente da correspondência mantida pelos filósofos Vilém Flusser (1920-1991) e Sérgio Paulo Rouanet (1934).<sup>1</sup>

Essa aproximação ao lote de cartas, que cobre o período entre 1980 e 1991, procura avaliar sua relevância para projeto acadêmico em desenvolvimento, voltado para o estudo do gênero biográfico em seus aspectos híbridos entre os campos da historiografia e da literatura. Tal projeto tem como objeto privilegiado de análise a autobiografia de Flusser (1992): *Bodenlos*.

Leituras e debates realizados pelo autor no campo da epistolografia permitiram estruturar novas estratégias de abordagem ao longo do projeto. Um dos vetores chaves que despontam nesse contexto é a possibilidade de estudo do processo de construção de um modelo de intelectual, de um modelo de ação intelectual em outras palavras, que percorre não só a autobiografia de Flusser, mas também parte de seus livros e ensaios. Essa possibilidade ficou evidenciada a partir do conceito da *escrita de si*, abordagem estimulada pela leitura do texto homônimo de Michel Foucault (1994).

## **Correspondência flusseriana: remanescentes**

O primeiro contato com o corpo epistográfico relacionado a Vilém Flusser data da pesquisa realizada pelo autor no projeto de mestrado intitulado *Uma história dos diabos* (2000, ECA-USP). A dissertação, desenvolvida no departamento de Biblioteconomia e Documentação na linha de *Ação Cultural*, englobava várias atividades orientadas para a difusão da obra de Flusser, entre elas o planejamento e a manutenção de um *site* de referência (<<http://www.fotoplus.com/flusser>>) e a organização de um seminário internacional sobre essa obra (SP/RJ, 1999).

---

<sup>1</sup> A correspondência entre os filósofos deve ser publicada no início de 2006 pela Editora Atalanta, de São Paulo, sob o título *Correspondência Flusser x Rouanet*.

Nesse processo, um segmento do trabalho estava dirigido para a elaboração de pesquisa documental sobre o período de moradia no Brasil do filósofo, ao longo das décadas de 1940 a 1960. Foi realizada, em complementação à pesquisa bibliográfica, uma longa série de entrevistas desenvolvida em duas fases. Na primeira fase estabeleceu-se contato preliminar com ex-alunos, assistentes e intelectuais que conviveram com Flusser no período, privilegiando a coleta de originais, de registros em áudio de palestras e de correspondência. Na segunda fase, promoveram-se algumas gravações em vídeo.

A primeira aproximação com essa correspondência teve funções precisas: determinar contatos pessoais e estabelecer datações de palestras e outros eventos. Ao mesmo tempo, a leitura das cartas estava condicionada à elaboração de dois produtos distintos. Um deles, um ensaio destinado a analisar a obra *Filosofia da caixa preta* (Flusser 1985), voltada para o campo da fotografia, área de trabalho do pesquisador, que correspondia à sua comunicação apresentada no seminário final (sob este ângulo, foi relevante o pequeno lote de cartas enviadas à crítica de fotografia Stefania Bril). Outro produto era uma cronologia referenciada sobre Flusser, formalmente um currículo ampliado, registrando participações em seminários, congressos, lançamentos de livros e outros eventos.

A correspondência reunida nesse momento formava um conjunto muito reduzido: 31 cartas enviadas por Flusser no período de 1972 a 1991. A comunicação estabelecida era quase sempre factual, em textos curtos, salvo algumas cartas temáticas, mas sempre exemplares isolados de seqüências de correspondência que não puderam ser reconstituídas.

Numa segunda fase de pesquisa, desenvolvida no *Vilém\_Flusser\_Archiv*, em Köln, realizada em 1998 ao longo de duas semanas, tivemos a oportunidade de ter contato com um corpo epistológico efetivamente significativo, embora não catalogado. Os organizadores iniciais do arquivo (Edith Flusser, a viúva, e Klaus Sander), conseguiram reunir um número expressivo dessa correspondência cobrindo as décadas de 1960 a 1980<sup>2</sup>. No entanto, em função do projeto de mestrado, a consulta privilegiou os correspondentes brasileiros, em especial aqueles ligados ao campo das artes visuais e da fotografia.

As cartas consultadas serviram em especial à datação de contatos pessoais e participação em eventos, como também auxiliaram ao estabelecimento inicial de perfis dos remetentes e de identificação dos tópicos de conversação estabelecidos. Nessa perspectiva, tiveram maior

---

<sup>2</sup> O resultado pífio da coleta de correspondências no Brasil deve-se em grande parte ao esforço realizado imediatamente à morte de Flusser para organização do arquivo, o que acabou reduzindo a ocorrência em São Paulo de documentos não-livros, como fotos e cartas. No entanto, há um conjunto expressivo de outras categorias de documentos, como registros em áudio de aulas e palestras ou apostilas de cursos, que ainda pode ser encontrado em posse de ex-alunos e assistentes.

relevância as cartas destinadas à ex-aluna e amiga da família, Maria Lília Leão, responsável pela edição brasileira de *Filosofia da caixa preta*. Maria Lília Leão ainda representou, no Brasil da década de 1980, papel significativo como agente de difusão e apoio à obra de Flusser.

Um último produto do projeto de mestrado utilizou em menor escala – e sob outra perspectiva – parte da correspondência do filósofo. Trata-se do ensaio *Vilém Flusser: uma história dos diabos*, apresentado como anexo do mestrado. Este ensaio traçava um breve panorama sobre o período brasileiro. O trabalho tinha por fonte os cerca de 30 depoimentos gravados em vídeo com amigos, ex-alunos e intelectuais brasileiros e procurava estabelecer um texto com estrutura dialógica, criando um jogo coral entre os depoentes. Tentava-se assim constituir não só um percurso biográfico, mas igualmente apresentar as diversas facetas da polêmica *persona* pública do filósofo. Embora de ocorrência residual, algumas cartas foram empregadas aqui, num registro não mais factual, mas procurando caracterizar alguns relacionamentos interpessoais.

### **Correspondência Rouanet-Flusser**

O trabalho epistolográfico relativo a Flusser desenvolvido durante o mestrado foi muito reduzido, em especial por tais registros não apresentarem reflexões de maior extensão sobre sua produção profissional, exceto em ocorrências raras. No entanto, o conjunto de cartas trocadas com Sérgio Paulo Rouanet abre novas perspectivas de trabalho.

O lote remanescente é composto por 56 cartas datilografadas, cobrindo o período entre 1980 e 1991, sendo 26 enviadas por Rouanet e 30 por Flusser, totalizando 215 páginas. O conjunto consultado é uma cópia dos originais cedida em 2000 por Dinah Flusser ao professor Gustavo Bernardo Krause (IL-UERJ), orientador do projeto de doutorado.

As cartas foram organizadas por Rouanet, mas uma primeira leitura revelou alguns problemas de encadeamento. Várias cartas de Flusser não apresentam datação completa; os registros foram posteriormente complementados por Rouanet e há duplicidade de cópias com datas distintas. O conjunto, listado em anexo segundo a nova ordenação agora proposta, apresenta 3 blocos temporais: (a) 1980-1983, (b) 1987-1989, (c) 1991.

O relacionamento desenvolvido entre Flusser e Rouanet revelou uma faceta nova para a pesquisa da obra flusseriana. É preciso reconhecer uma surpresa inicial frente à leitura dessa correspondência: ela apresenta um efetivo debate intelectual entremeadado ao processo de estabelecimento de uma amizade. Afora a fortuna crítica levantada durante o mestrado em periódicos, a análise da recepção da produção do filósofo bem como seu desenvolvimento constituem aspectos pouco estudados até o momento no contexto brasileiro.

Nestas cartas estabelece-se um debate intelectual no qual a figura de Rouanet é chave. Ele surge como uma espécie de grande comentador dos textos de Flusser, com cartas copiosas em oposição ao estilo sintético de Flusser, que procura aparentemente ajustar pouco a pouco o desenvolvimento dessa interpretação.

## Perspectiva de leitura

Optou-se por uma análise do primeiro bloco formado por 36 cartas (35 remanescentes apenas), trocadas entre 21.01.1980 e 27.05.1982, quase sempre a partir de Robion (sul da França), onde Flusser acaba se fixando, e Zurique, onde Rouanet integra então o corpo da representação diplomática brasileira.

Esse bloco registra de certa forma o estabelecimento do contato intelectual, no qual a discussão da obra de Flusser será o tema central. A proposta inicial desse ensaio de analisar a *escrita de si*, como veremos, será profundamente prejudicada, ou, em outras palavras, de difícil implementação nesse momento pela especial configuração das cartas, praticamente espaço de debate com curtas referências pessoais nos parágrafos iniciais e finais. Será proposta mais adiante estratégia alternativa para contornar o problema.

Se as características do lote em questão dificultam em princípio o estudo da *escrita de si*, elas permitem porém uma compreensão de vários pontos levantados pela estimulante leitura do livro *L'épistolaire, ou la Pensée nomade*, de Brigitte Diaz (2002). Aspectos como a compreensão da 'carta' como prática histórica, as concepções de gênero, formas e funções e sua relação com a literatura, apresentados em seu desenvolvimento histórico no quadro francês, podem ser compreendidos na leitura do lote em questão.

A definição de um regime de "conversação" (adota-se aqui o termo, embora ciente da distinção entre fala e escrita) pelos interlocutores é uma possibilidade de leitura, em que se pode mapear passo a passo a constituição de papéis, de formas de aproximação e construção de uma intimidade – intelectual e pessoal.

Se algo de positivo pode ser encontrado no presente ensaio é ao texto de Diaz (2002), que ele deve ser tributado. Certamente, embora o foco de trabalho seja a "imagem" de Flusser, é ao redor de Rouanet que se constitui o campo de análise mais interessante. É evidente que mais do que mera "conversação entre ausentes" (na interpretação clássica sobre a epistolografia literária), a relação que se estabelece nesse conjunto – nessa interação Flusser-Rouanet – é um comentário intelectual sobre a obra do primeiro a partir da análise em expansão contínua desenvolvida pelo segundo, aparentemente "controlada" ("programada") por Flusser.

## “Toda correspondência começa por uma conversa entre surdos”<sup>3</sup>

O período coberto pelo bloco em questão remete ao contato recíproco com a produção intelectual dos remetentes e o (re)conhecimento mútuo do temário, dos métodos, influências teóricas. Enfim, do horizonte de trabalho de Rouanet e Flusser.

Fica evidente que a aproximação entre os dois ocorre a partir de um primeiro contato social e não do conhecimento da produção efetiva de cada um dos interlocutores. Compreende-se assim uma fase inicial marcada por conflitos teóricos, que estabelecem uma tensão sobre a relação interpessoal, interferência porém gradualmente reduzida na medida que se estabelece a troca de textos editados ou ensaios ainda inéditos. A relação no entanto não é equilibrada, pois o foco do debate será sempre o pensamento de Flusser, em especial, o cristalizado nos dois livros comentados: *Natural:mente* (Flusser 1978) e *Pós-História* (Flusser 1983), em sua versão em língua portuguesa<sup>4</sup>. A produção de Rouanet surge em contraste ou em complemento a de Flusser. O processo funciona como uma mediação, permitindo a nós, leitores de segunda mão, conhecer as referências intelectuais presentes na obra de Flusser conforme a interpretação de Rouanet e a sua conseqüente aceitação ou não pelo interlocutor.

### Como escrevem?

Ambos elaboram seus textos diretamente na máquina de escrever. Flusser envia cartas de uma a duas páginas, com texto apresentando raras correções e ocupando milimetricamente cada espaço da folha. Seu estilo sintético contrasta com o estilo expansivo do outro. Rouanet envia cartas longas, cinco delas com mais de sete páginas. Adota uma composição formal usual, com margens largas, mas com um texto mais “nervoso”. São frequentes correções e novas inserções de palavras<sup>5</sup>. Flusser adota como usual o formato alemão, com o seu endereço ao alto e mais abaixo o do destinatário. Rouanet, por sua vez, utiliza o padrão brasileiro.

---

<sup>3</sup> (Santiago 2002: 16).

<sup>4</sup> Um terceiro tema, na verdade o esboço de nova obra, surge aqui, aquele constituído pelo *Vampyrotheutis infernalis* (que seria editado apenas em 1987), criatura imaginada por Flusser como “mito de origem”, metáfora para aplicação de suas proposições.

<sup>5</sup> As cartas de ambos apresentam textos com acentuação irregular. No caso de Flusser, era uma prática comum, embora o uso de uma máquina de escrever com teclado francês ou alemão possa determinar uma certa despreocupação com esse aspecto. A transcrição dos trechos das cartas se faz *ipsis litteris*.

## Como se tratam?

De início, Flusser adota a formalidade no tratamento - Ministro S. Rouanet - na primeira carta, em 21.01.80, mas o texto se inicia de forma direta: “Caro amigo, nossa conversa está ressoando na minha mente.” Por parte de ambos os interlocutores as cartas pouco espaço deixam para o factual. Excetuando parte dos parágrafos iniciais e finais, tudo pode ser entendido como espaço de trabalho, de debate. Rouanet, em tom mais amigável, acrescenta à mão, ao final seus cumprimentos cordiais: “Um grande abraço/ Rouanet” (SR, 05.02.80<sup>6</sup>, em sua primeira carta). Com a progressão do contato, ambos, cada um à sua maneira, darão espaço a uma cordialidade mais direta: “Com lembrança carinhosa para Edith/ Sérgio” (SR, 25.05.81, sempre manuscrito). Em especial, chama a atenção um desprendimento inesperado da parte de Flusser, expressando possivelmente o grau de importância da relação afetiva: “Abraços aos dois de nós dois” (VF, 26.03.81), “Te saluto, caro mio” (VF, 09.05.81), “Une grosse bise” (VF, 30.05.81).

## Sobre o que falam?

De Flusser, à primeira vista. Num primeiro subconjunto, Rouanet questiona a marca positivista de sua obra. Essas cartas trazem uma tensão atenuada mais tarde pela leitura feita por Rouanet do livro *Naturalmente*. A recepção entusiasmada deste livro por Rouanet marcará o momento seguinte do conjunto, o mais significativo, em que dois tópicos ganham relevância: a “interrogação fenomenológica” adotada por Flusser e a visão aparelhística da cultura, em oposição às interpretações causais e finais. O conflito se estabelece ao redor do modelo da ciência, com a recusa da parte de Rouanet de uma interpretação que englobe as ciências da natureza e do homem. O terceiro momento final do bloco é marcado por um deslocamento de foco motivado pelo retorno ao Brasil de Rouanet em função de férias e sua remoção para o Departamento da Ásia e Oceânia. Aqui a conversação dá espaço ao cuidados da relação entre ambos, às preocupações de Rouanet frente ao novo posto.

## Sedução intelectual & cuidados de uma relação

Seria possível resumir o encadeamento da correspondência nesse primeiro bloco a partir das colocações acima, formando duas linhas que se cruzam num crescendo: sedução intelectual frente

---

<sup>6</sup> Adotamos aqui esta forma resumida de referência, com as iniciais do remetente e a data.

à discussão da obra de Flusser por seu interlocutor e a identificação dos “cuidados de uma relação” da parte de ambos. É esse roteiro que vamos apontar: Rouanet como escritor prolífico em contraste com Flusser com cartas curtas e nervosas, sempre na expectativa pela resposta, escrevendo cartas complementares em dias seguidos. De início, identifica-se uma tensão, a partir da questão “meu positivismo” (Flusser): “Não sei o mais deva admirar na sua carta, se sua capacidade de tirar conclusões certas a partir de premissas inaceitáveis, ou sua habilidade de formular conclusões erradas de forma extremamente persuasiva.” (SR, 05.02.80, parágrafo inicial)<sup>7</sup>. E mais adiante, na mesma carta (idem, p.6): “...V. tem a coragem admirável de ser incoerente”. Ao mesmo tempo revela-se gradualmente em Rouanet a figura de um interlocutor interessado na conversação apesar dos conflitos, marca crescente em todo o bloco: “Espero que V. não se zangue com o tom, às vezes impetuoso, desta carta. São poucas as ocasiões em que posso conversar assim, sobre temas tão cruciais. É sua vez, agora, de pagar na mesma moeda, refutando minhas refutações.../ (manuscrito), Um grande abraço / Rouanet”

O desconhecimento mútuo da obra de ambos gera os primeiros conflitos. Rouanet identifica de imediato o motivo, lembrado mais tarde por Flusser: “Como você diz na sua carta: ‘operamos em quadros teóricos diferentes’, o que torna o nosso diálogo extremamente útil.” (VF, 24.09.80, parágrafo inicial). E, certamente, tal reconhecimento definirá o clima desse relacionamento, que tem na carta de Rouanet, datada de 10.10.80, um dos pontos altos: “Desculpe minha irreverência em certos momentos desta carta. Sei que não preciso exercer, conversando com você, nenhuma auto-censura, o que é um alívio. Vale. / (manuscrito) Rouanet” (SR, 10.10.80, parágrafo final).

Nessa carta, a sedução após a leitura de *Naturalmente* marca o momento de comentário crítico da produção atual de Flusser: “Não quero ser enfático, mas é difícil disfarçar meu entusiasmo por esse belíssimo texto. V. tem uma capacidade invejável de interrogar cada objeto com tanta radicalidade que ele se entrega, revelando sua essência.” (parágrafo inicial) Segue-se um longo comentário sobre o “interrogatório fenomenológico”, método de análise adotado por Flusser, talvez o mais contundente comentário sobre esse aspecto central. Rouanet, na página 2, citando trecho do livro aponta a fórmula que permite identificar a mediação (para o bem e para o mal) como elemento central da cultura: “ ‘o mundo é maravilhoso, porque se o descubro desaparece, e se o deixo encoberto passa a ser horrível’ ”, acrescentando mais adiante (em referência à análise final): “...uma visão que se sabe história, que se sabe cultura, e que não vê nisso uma maldição teológica, o preço do pecado e da desobediência (o homem adamítico

---

<sup>7</sup> Apenas a acentuação dos trechos citados foi corrigida, e não a ortografia ou a pontuação, considerando-se que o primeiro aspecto representava um ruído mais flagrante.

possivelmente tinha uma visão direta, pré-kantiana) mas a condição de possibilidade de toda visão.” (idem, p.3)

No entanto, o fascínio é substituído por outros tópicos que se desdobram em pontos de tensão. O primeiro é constituído pela visão aparelhística do mundo proposta por Flusser: “Li e reli suas cartas, e continuo achando insustentável o seu dogmatismo sistêmico, sua convicção inabalável...” (idem, p.5). Ponto que seria retomado na carta de Rouanet, de 13.08.80: “Minha crítica se resume nisso: em sua última carta, como na primeira, V. revela uma tendência, que causa um certo desconforto, de considerar já reais as condições que o poder gostaria que fossem reais. Do fato de que corresponde aos interesses do poder tecnocrático que a sociedade seja uma caixa-preta, não é possível deduzir que a sociedade seja uma caixa preta.” (SR, 13.08.80, p.4).

Outro conflito reside na crítica ao modelo científico, que Flusser aplica de forma integrada às ciências da natureza e às ciências do homem. É o que diz Rouanet, em 10.10.80: “Talvez eu esteja sendo também dogmático, mas confesso que não consigo partilhar sua convicção de que vale para as ciências da sociedade o que vale para as ciências da natureza, isto é, que quanto maior o formalismo, maior o valor explicativo.” (SR, 10.10.80, p.6, veja também, p.8)

Ao final dessa longa carta (13 páginas), Rouanet estabelece o horizonte em que se desenvolverá essa relação conflituosa e cresce também como interlocutor intelectual (e mais tarde, como amigo): “E eis como, meu caro amigo, de novo esta carta assume as proporções de um ‘roman-fleuve’. Fico com uma repreensível inveja de você, quando leio as fórmulas admiravelmente sintéticas e muitas vezes lapidares com que V. exprime os seus pensamentos. Qual o balanço desta carta em duas partes, uma que comento seu livro, e outra em que comento as suas cartas? O balanço é que sou um admirador incondicional de suas investigações concretas, e um admirador muito ambivalente de sua posição epistemológica. Quanto a esta, duvido que, teimosos como somos, jamais abramos mão de nossos pontos de vista. Mas descobri, para minha surpresa, que posso estar de acordo com sua ‘fenomenologia interrogativa’, tal como ela se exerce em suas análises concretas, estando a anos-luz de distância de seus pressupostos epistemológicos. Acho seu livro brilhante, e só não digo genial porque a palavra está muito desvalorizada.” (SR, 10.10.80, p.13).

A sedução mútua está definida. A resposta de Flusser, em 17.10.80, apresenta um texto mais breve que o usual: “estou recebendo sua carta de 10/10, e estou profundamente comovido. Pela primeira vez estou tendo crítica, a qual, (tirando os elogios imerecidos), corresponde ao por mim intencional. Você cumpriu o papel de crítico de maneira por mim jamais experimentada: você penetrou o tecido do meu pensamento e revelou ligações que para mim não eram aparentes. Relerei a carta várias vezes, para depois responder com ponderação e calma.” (VF, 17.10.80).



Dias mais tarde, complementar\u00e1 o coment\u00e1rio: “Sua capacidade de penetrar textos, (que j\u00e1 admirei no caso de ‘Habermas’) beira o assombroso.” (VF, 23.10.80, p.1).

No entanto, a pol\u00eamicasobre um modelo da ci\u00eancia, englobando as dedicadas \u00e0 natureza e ao homem, gerar\u00e1 o conflito central desse conjunto de cartas. Em sua missiva, de 23.10.80, Flusser dar\u00e1 ao debate um tom ir\u00f4nico, ainda que de forma enviesada: “Now for a change of tune. Quem \u00e9 esse Rouanet, que afirma a diferen\u00e7a entre ci\u00eancias da natureza e da cultura como sendo ‘qualitativas?’” (VF, 23.10.80, p.3). \u00c9 necess\u00e1rio apontar que na p\u00e1gina seguinte retomará de forma brilhante sua proposi\u00e7\u00e3o, finalizando: “Ou bem eu engulo a ci\u00eancia, com sua atual crise epistemol\u00f3gica, ent\u00e3o devo engoli-la toda, seja ‘natural’ ou ‘cultural’. Ou bem eu quero reformul\u00e1-la para eliminar a problem\u00e1tica epistemol\u00f3gica, (proveniente das premissas gregas da ‘episteme’), ent\u00e3o devo reformul\u00e1-la de cabo a rabo, seja ‘natural’ ou ‘cultural’.” (idem, p.4)

Rouanet tentar\u00e1 conciliar o impasse, revelando seu interesse em manter a conversação e afastar o contratempo anunciado nas \u00faltimas cartas. Ele imita, em sua carta de 24.11.80, um di\u00e1logo sobre o tema, parafraseando o conflito: “você me desperta com esse berro descortês...” (SR, 24.11.80), propondo a seguir concordarem com a necessidade uma nova atitude (*Einstellung*).

A fun\u00e7\u00e3o de “explicador” da obra flusseriana ser\u00e1 retomada por Rouanet ap\u00f3s a leitura da primeira vers\u00e3o em portugu\u00eas do texto *P\u00f3s-Hist\u00f3ria*. Ele a comenta destacando “m\u00e9todo”, “cr\u00edtica” e “estrat\u00e9gia”: “S\u00e3o rep\u00e8res, para facilitar a explora\u00e7\u00e3o de um terreno que escapa a qualquer balisamento: excluidos pela riqueza dos objetos mas exigidos pelas limita\u00e7\u00f5es da intelig\u00eancia, infirmittas intellectus.” (SR, 28.01.81, p.1). Como m\u00e9todo aponta a descri\u00e7\u00e3o do mundo aparelh\u00edstico em linguagem aparelh\u00edstica, o m\u00e9todo similar ao do c\u00e2ncer (“caminho perigoso”): “...sua mimesis \u00e9 devastadoramente dial\u00e9tica, mas n\u00e3o \u00e9 consciente. Voc\u00ea n\u00e3o tem, literalmente, a teoria de sua praxis. (...) Console-se: sua cr\u00edtica \u00e9 mais eficiente.” (idem, p.3). “Sua resist\u00eancia \u00e9 contra um advers\u00e1rio em que a mentira assume a \u00faltima de suas m\u00e1scaras, que \u00e9 a da verdade: a mentira que n\u00e3o precisa mais mentir. Sua resist\u00eancia \u00e9 mim\u00e9tica.” (idem, p.4).

O “comentador” aponta a similaridade dessa cr\u00edtica da cultura com a an\u00e1lise frankfurtiana. N\u00e3o concorda com a cr\u00edtica, mas destaca a efici\u00eancia da mimetiza\u00e7\u00e3o: “Adorno olha os aparelhos, com asco, e diz: voc\u00eas s\u00e3o uma conseq\u00f4\u00eancia do falso saber. Isto \u00e9 terr\u00edvel. E voc\u00ea olha os aparelhos, com o mesmo asco, e diz: voc\u00eas se baseiam no saber verdadeiro, e s\u00e3o esse saber. Isto \u00e9 mais terr\u00edvel ainda.” (idem, p.6). E comenta ent\u00e3o a estrat\u00e9gia de a\u00e7\u00e3o: “Voc\u00ea n\u00e3o se resigna ao horror. Acha que as esperan\u00e7as s\u00e3o t\u00eanues, mas elas existem. Em praticamente cada um dos seus artigos V. aponta caminhos improv\u00e1veis, mas poss\u00edveis. Esses caminhos n\u00e3o s\u00e3o todos compat\u00edveis entre si, porque a contradi\u00e7\u00e3o \u00e9 o seu elemento vital.” (idem, p.7)

## Construindo o Outro

Um aspecto secundário surge neste conjunto, aquele relativo à noção de diálogo que aponta para a construção do Outro. Por exemplo, ao questionar o conceito de discurso em Habermas, abordado por Rouanet, Flusser indica essa direção: “Discurso’ é método para transmitir informação, não para criá-la. É o diálogo que cria informação, se fôr bem sucedido. E o diálogo é, antes de mais nada, auto-reconhecimento no outro. E tal reconhecimento mútuo da própria alienação, (mortalidade), no outro permite que surja informação nova por síntese de informações pré-existentes nos vários participantes do diálogo. Tais informações estão armazenadas nos participantes graças a discursos previamente recebidos. De modo que a dinâmica da cultura, essa alienação que se quer superar, é o oscilar entre discurso transmissor e diálogo formador de informação adquirida. A cultura é negativamente entrópica, precisamente por ser alienada, (anti-natural). Mas recai para o concreto (absurdo) devido ao esquecimento, (a morte). O diálogo cria informação contra o absurdo, e o discurso a preserva; mas trata-se de empresa desesperada: a informação acabará esquecida. O problema fundamental não é a ‘verdade’, (a-letheia, des-esquecimento), mas lethe, esquecimento. O problema fundamental é a morte.” (VF, 24.09.80).

Mais adiante, ao discutir a “nova atitude” em direção a uma ciência dialógica, retoma mais uma vez o tema: “A tal ‘nova Einstellung’ que sonho, cagador-mor que sou, se resume na tentativa de tomar a sério Husserl. Assumir que existimos no mundo em função dos outros, nos quais reconhecemos nossa própria vacuidade, e com os quais ‘conversamos sobre as coisas’. É<sup>8</sup> assumir que as coisas são assuntos de tal conversação, e nada mais. Que são os pontos sobre os quais as nossas intencionalidades intersubjetivas coincidem. Que o ‘eidos’ das asas de barata, como o da quinta sinfonia, é tal “serem assuntos”. Que as asas de baratas são ‘pro-blemas’, (objetos, Gegen-staende), no sentido de serem o que obsta minha intenção de alcançar-te. E que não são a não ser isto. Que as asas de barata são biombos que se interpõem entre meu reconhecimento de ti e por ti. E que ‘resolver problemas’ significa: abrir caminho em tua direção.” (VF, 16.12.80)

## Cuidados com o amigo

O último momento desse primeiro bloco de cartas revela um progressivo cuidado com o amigo, da parte de Flusser em especial. Ocorrem aqui raros momentos de suspensão de um discurso

---

<sup>8</sup> A ocorrência desta acentuação é dúbia.

racional, jogando para o desdobramento biográfico de certos temas. Ao discutir, por exemplo, modelos de temporalidade, a partir da noção de programa, Flusser comenta a viagem que Rouanet e Barbara, sua esposa, farão a Grécia: “Somos mediterrâneos, tu e eu, até profundidades insondáveis. Santíssima Trindade ‘Oliva, trigo, uva’ nutre-nos fisicamente, simbolicamente e conscientemente.” Mais adiante, aponta como essa proximidade com os gregos é mais forte em Robion: “Minhas tripas se reconhecem melhor em Robion que na estação de metro chamada ‘eleusis’, porque os gregos estão aqui mais presentes.” (VF, 23.09.81)

Os cuidados com o amigo tornam-se mais adiante, em carta de 13.01.82, o tema dominante, ainda que subterrâneo. Refere-se à carta de Rouanet, de 30.12.81, omitida da seleção atual, em que provavelmente o interlocutor questiona o encaminhamento de sua produção pessoal. “Não, caríssimo, há caminhos que levam a algo, e são precisamente os caminhos tortos que partem da fossa, como o são os nossos próprios caminhos. Por sinal: ‘caminho’ em grego é ‘methodoe’, de ‘meta-odos’, (rumo-caminho), no Senado americano há ‘ways and means commission’, e em chinês se chama ‘Tao’. Vale.” (VF, 13.01.82, parágrafo final).

A designação de Rouanet a novo posto, no Departamento da Ásia e da Oceânia, impõe a este a preocupação sobre o relacionamento: “Nos próximos dois anos, receio muito que não me sobre muito tempo para produzir, mas haverá tempo para ler, e sobretudo para ler Vilém Flusser. Estou esperando, ansiosamente, sua *Fuer eine Philosophie der Fotografie*. Mandarei o exemplar do *Tempo Brasileiro*, com meu ensaio sobre WB<sup>9</sup>. E tentarei encomendar para V. a biografia da H. Arendt.” (SR, 02.02.82, parágrafo final).

A preocupação revela-se naquele ano um dado concreto, como indica o parágrafo inicial da carta de Rouanet, em 24.12.82: “Sei que mereço um puxão de orelhas, e mais que isso: que V. se recuse a qualquer tentativa de continuar nossa correspondência. V. estaria no seu direito se fizesse isso, mas peço que não use esse direito. Não quero alegar desculpas banais por não ter respondido a última carta, mandada há tanto tempo, porque não há desculpa. Não há desculpa, mas há uma explicação: ela é interna, tem que ver com um longo período de melancolia em que estou imerso há meses, e de que mal consegui me recuperar. E melancolia é isso: desinteresse pelo mundo, pelos amigos mais queridos, autodesvalorização, fuga para o mundo privado, da não-comunicação. Estou começando a olhar para fora, e a primeira pessoa que vejo através da fresta é você, com sua força interior e a imagem que V. projeta de não se deixar abater por dificuldades reais, e muito menos pelas imaginárias. Durante esse período, tentei me comunicar da única forma acessível a quem perdeu a capacidade de dialogar: escrevendo, dialogo fantasmagórico com um ser coletivo sem rosto.”

---

<sup>9</sup> Walter Benjamin.

## Retomando a *imagem de si*

Essas breves citações do conjunto analisado visam caracterizar e qualificar parte dessa correspondência, certamente a mais relevante entre o universo levantado até o momento. O perfil intelectual dos dois interlocutores permitiu a constituição (e particularmente graças ao engajamento de Rouanet em prol dessa conversação) de um “comentário” único a tal momento da obra de Flusser, o qual merece ser explorado.

No que diz respeito ao ponto inicial proposto de desvendar uma *escrita de si*, talvez apenas o último bloco possa efetivamente apontar para um terreno biográfico a partir do qual Flusser “pensa” sua obra. Isto seria comentado por Rouanet, de forma indireta, na carta de 24.11.80: “Obrigado por me sugerir essa linha tão fecunda, que pretendo explorar, em seu devido tempo. Sei que para V. tudo isto traduz uma realidade existencial, e não somente teórica: V. não está, com isso, fazendo teoria, mas exprimindo algo de autobiograficamente seu, o que aumenta a importância dessa contribuição, que é também um depoimento.” (em referência ao *Bildverbot* judaico, entre outros pontos) (SR, 24.11.80, p.3).

Quanto ao tópico do modelo de ação intelectual, aparentemente, é restrito o potencial identificado na leitura, exceto no que toca às estratégias comentadas por Rouanet, mas já referidas por Flusser. Sobre o papel do intelectual, por exemplo, aponta ele ser o de: “...procurar decifrar o mundo codificado. Para isto ele precisa assumir o código regente.” (VF, 24.09.80). E este “projeto” (em nossas palavras) se realizaria em nova condição: “Em suma: o que procurei fazer, não é ‘crítica da cultura’, mas ‘crítica da existência em cultura’.” (VF, 04.02.81).

## Referências

- Díaz, Brigitte (2002). *L'épistolaire, ou la Pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Flusser, Vilém (1978). *Natural:mente*. São Paulo: Duas Cidades.
- Flusser, Vilém (1983). *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades.
- Flusser, Vilém (1985). *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec.
- Flusser, Vilém (1987). *Vampyrotheutis infernalis*. Göttingen: Immatriz Publications.
- Flusser, Vilém (1992). *Bodenlos: eine philosophische Autobiographie*. Düsseldorf: Bollmann.
- Foucault, Michel (1994). “L'écritur de soi”. In: *Dits et écrits*. Paris: Gallimard. p.415-430.
- Mendes, Ricardo (2000). *Uma história dos diabos*. São Paulo: ECA-USP. (dissertação de mestrado)
- Santiago, Silvano (2002). “Suas cartas, nossas cartas”. In: *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi.

## Anexo I: Relação geral das correspondências

<b>Bloco 1 (1980-1982)</b>					
<b>Data</b>	<b>Remetente</b>	<b>Origem</b>	<b>Destino</b>	<b>Pág.</b>	<b>Obs.</b>
1980.01.21	Vilém Flusser	Peypin d'Aigues	Zurique	1	
1980.02.05	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>7</b>	
1980.02.09	Vilém Flusser	Peypin d'Aigues		3	
(s.d.)	Vilém Flusser			4	<b>Anexo 1</b> <b>(1980.02.09)</b> XII – Wir gesund wir sind (em alemão) (xerox cortou cabeçalho)
(s.d.)	-			1	<b>Anexo 2</b> <b>(1980.02.09)</b> <b>incompleto</b> página de rosto <i>Wilem Flusser/</i> <i>L' iconoclastie</i>
(s.d.)	-			-	<b>Anexo 3</b> <b>(1980.02.09)</b> <b>falta</b>
1980.02.20	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>1</b>	
1980.08.13 ?	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>10</b>	
1980.09.20	Vilém Flusser	Londres	Zurique	4	datada à mão, posteriormente
1980.09.24	Vilém Flusser	Londres	Zurique	3	
1980.10.10	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>13</b>	
1980.10.17	Vilém Flusser	Londres	Zurique	1	

1980.10.23	Vilém Flusser	Londres	Zurique	4	Na compilação original, esta carta aparece duplicada em 23.10.81, com data anotada a mão, posteriormente
1980.11.24	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>10</b>	
1980.12.16	Vilém Flusser	Londres	Zurique	3	
<b>1981.01.23</b>	Vilém Flusser	Robion	Zurique	1	
1981.01.28	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>1</b>	bilhete, com erro de ano, anunciando a carta a seguir
1981.01.28	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>9</b>	
1981.02.04	Vilém Flusser	Robion	Zurique	2	
1981.03.03	Vilém Flusser	Robion	Zurique	1	
1981.03.24	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>1</b>	telegrama
1981.03.26	Vilém Flusser	Robion	Zurique	1	
1981.04.01	<b>Sérgio Rouanet</b>	-		<b>1</b>	citada na carta de VF/09.05.81 (talvez haja carta anterior de VF não preservada)
1981.05.09	Vilém Flusser	Robion	Zurique	3	
1981.05.25	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>4</b>	
1981.05.30 ?	Vilém Flusser	Robion	Zurique	2	
1981.08.18	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>2</b>	
1981.09.23	Vilém Flusser	Robion	Zurique	2	

<b>1981.12.10</b>	<b>Vilém Flusser</b>	<b>--?</b>	<b>Zurique</b>	<b>1</b>	difícil ordenação trata de visita em Zurique (ano, manuscrito posteriormente, cortado no xerox)
1981.12.30	<b>Sérgio Rouanet</b>	-	-	-	<b>falta<sup>10</sup></b>
<b>1982.01.13</b>	Vilém Flusser	Robion	Zurique	1	
1982.07.14 ?	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>1</b>	<b>após férias</b>
1982.09.07	Vilém Flusser	Robion	Zurique	1	
1982.12.24	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>3</b>	
<b>1983.01.25</b>	Vilém Flusser	Robion	Zurique	2	
1983.02.02	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Zurique</b>		<b>4</b>	<b>ordenação errônea, repetida em 1982.02.02</b>
1983.02.08	Vilém Flusser	Robion		1	a maço 82 (confuso) (final do ciclo)
1983.05.16	Vilém Flusser	Robion	Brasília	1	convite para evento
1983.05.27	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Brasília</b>	<b>Robion</b>	<b>1</b>	<b>telegrama – recusa</b>
<b>total: 35 cartas remanescentes (SR-15; VF-20)</b>				<b>109</b>	

### Bloco 2 (1987-1989)

Data	Remetente	Origem	Destino	Pág.	Obs.
<b>1987.11.04</b>	Vilém Flusser	-	Copenhague	1	
1987.11.10	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>1</b>	
1987.11.14	Vilém Flusser	-	Copenhague	1	
<b>1988.04.12</b>	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>12</b>	

<sup>10</sup> Mencionada em carta de Flusser (13.01.82)

1988.04.16	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	3	
1988.04.22	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>4</b>	
1988.04.28	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	1	
1988.05.04	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>6</b>	
1988.05.09	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	1	
1988.25.05	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>3</b>	
1988.06.05	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	2	
1988.06.14	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>16</b>	
1988.06.27	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	2	
1988.07.26	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>3</b>	
1988.09.28	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	3	
1988.11.03	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>1</b>	
1988.11.27	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	1	
1988.12.01	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>4</b>	
1988.12.08	Vilém Flusser	Robion	Copenhague	2	
<b>1989.03.08</b>	<b>Sérgio Rouanet</b>	<b>Copenhague</b>		<b>1+6</b>	
<b>total:</b> 20 cartas remanescentes (SR-10; VF-10)				<b>74</b>	

### Bloco 3 (1991)

Data	Remetente	Origem	Destino	Pág.	Obs.
<b>1991.00.00</b>	Vilém Flusser			-	<b>falta</b> SR, 1991.04.01
1991.04.01	<b>Sérgio Rouanet</b>			<b>2</b>	xerox <i>Essai sur l'origine des langues</i> , p.471-481
<b>total:</b> 1 carta remanescente (SR-1)				<b>2</b>	



Anexos ao conjunto					
1988.11.03	Sérgio Rouanet			15	prefácio <i>A coruja e o sambódromo</i>
(s.d.)	Vilém Flusser			9	conferência <i>O papel da arte em ruptura cultural</i> (Paris, Institut de l'Environnement)
(s.d.)	Vilém Flusser			5	<i>Apresentações</i>
(s.d.)	Vilém Flusser			1	fragmento de [fax], p.2
<b>total:</b>				<b>30</b>	
<b>Total do conjunto:</b>					
<b>56 cartas remanescentes (SR-26; VF-30)</b>				<b>215</b>	